

15 anos após a Eco-92

Uma nova Cúpula Mundial do Clima?

Em entrevista à Tópicos, o ambientalista Fabio Feldmann, membro do Conselho Mundial para o Futuro, sediado em Hamburgo, avalia os resultados da cúpula do G8 na Alemanha, defende que o Brasil fixe metas de redução das emissões e propõe a realização de uma nova conferência mundial do clima nos moldes da Rio-92.

ENTREVISTA: GERALDO HOFFMANN*



Fabio Feldmann

Tópicos: Como o senhor avalia a promessa do G8 de "pensar seriamente" em reduzir à metade as emissões de CO2 até 2050?

Fábio Feldmann: Na minha opinião, os resultados da reunião de Heiligendamm foram absolutamente insignificantes, essa promessa é frágil e insuficiente. A comunidade internacional esperava respostas mais concretas destes líderes, tanto em termos de processos quanto de metas. No estágio em que estamos, não é mais possível postergar decisões importantes como estas que deveriam ter sido tomadas, a sociedade espera por isso. Nesse sentido, saliento a importância de se realizar uma cúpula mundial do

clima, nos moldes da Rio-92, com a presença maciça de chefes de Estado e na qual seria discutida única e exclusivamente a questão do clima, tendo como meta gerar compromissos relevantes de todos os países do planeta.

A China, a Índia e o Brasil rejeitaram em Heiligendamm exigências para a redução das emissões de CO2 que freiem seu crescimento econômico. Essa posição é compreensível?

Venho defendendo constantemente que Brasil, China e Índia devem, sim, assumir compromissos de redução de suas emissões. Claro que mantida a chamada "responsabilidade histórica", ou seja, respeitando-se que esses países são menos responsáveis pela concentração atual de gases do efeito estufa na atmosfera, visto que seus processos de industrialização e desenvolvimento são mais tardios que os dos países europeus e dos Estados Unidos. Mas é importante salientar que eles têm responsabilidade, mesmo que em menor parte, e por isso devem se posicionar de maneira responsável frente à temática.

No nosso caso é ainda mais fácil controlar essas emissões, já que em torno de 70% resultam do desmatamento da Amazônia, enquanto na China e na Índia são emissões provenientes principalmente do funcionamento de suas termelétricas. O fato é que o Brasil tem taxas inadmissíveis de desmatamento, que devem ser controladas,

não só pelo fato de emitir gases do efeito estufa, mas também por ser um crime ambiental contra toda a sociedade brasileira. Resumindo, é importantíssimo que esses países assumam metas de redução imediatamente.

Ainda há desculpas para esses países não definirem metas concretas de redução das emissões?

Acho que não é razoável que esses países não tenham metas concretas. Primeiro, porque eles já contribuem muito com o lançamento de gases de efeito estufa na atmosfera. Segundo, à medida que eles assumirem compromissos, os países industrializados terão de intensificar seus esforços de redução das emissões. Os grandes prejudicados pela situação atual, em que principalmente a China e os EUA se bloqueiam, são o planeta e as futuras gerações. Precisamos de metas mais rigorosas para os países industrializados, do ingresso dos EUA no Protocolo de Kyoto e de países como o Brasil, a China e a Índia assumindo a sua parte para a solução do problema.

Durante a cúpula do G8, Lula falou sobre a experiência brasileira com combustíveis renováveis e energia limpa para reduzir o aquecimento global. Esse é um exemplo a ser seguido?

O Brasil, de fato, tem uma boa alternativa, que é o etanol, que pode auxiliar muito especialmente no setor de transportes. Esse setor é preocupante,

* Parte desta entrevista foi publicada às vésperas da cúpula do G8 no site www.dw-world.de/brasil, com o qual Tópicos mantém parceria.

principalmente no que diz respeito ao automóvel, porque aumenta proporcionalmente muito a sua contribuição à emissão de gases de efeito estufa. E a experiência brasileira pode ser replicada em outros países.

Mas não podemos imaginar que o etanol seja a solução para tudo. Ele pode ser uma parte da solução, desde que o plantio da cana-de-açúcar não signifique mais desmatamento. Porque, se com o etanol seguirmos o caminho da soja no Brasil, corremos o risco de, por um lado, diminuir o lançamento de gases do efeito estufa e, por outro lado, contribuir com as emissões por meio desmatamento para a cana-de-açúcar.

Além do uso de biocombustíveis, que outras medidas o Brasil deve tomar para reduzir suas emissões de gases do efeito estufa?

O Brasil tem um problema muito sério, que é o desmatamento. De 70% a 75% das emissões do país se devem ao desmatamento. O país precisa de medidas mais eficazes para reduzir o desmatamento, causado especialmente pela expansão da fronteira agrícola.

O senhor atuou no governo Lula como secretário-executivo do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas. Como avalia a atuação deste governo na questão ambiental?

Infelizmente, o governo Lula tem sido muito tímido ao enfrentar os

problemas ambientais brasileiros. Ele tem um símbolo do meio ambiente, que é a ministra Marina Silva, mas ela está isolada dentro do governo. Temos de pressionar o governo a adotar uma política ambiental mais consistente, que enfrente o problema do desmatamento da Amazônia, mas que também entenda que os problemas ambientais do país não se reduzem à questão amazônica.

A que o senhor atribui essa postura defensiva do governo brasileiro?

O grande problema da timidez do Brasil no campo internacional é que o Ministério das Relações Exteriores, como protagonista principal, não tem saído da defensiva. Primeiro, em função do próprio desmatamento e do medo da cobrança internacional sobre o Brasil por causa do desmatamento, nós estamos sempre refratários a qualquer mudança significativa.

Segundo, acho que Lula pessoalmente não é um homem sensível ao tema ambiental. Ele não compreendeu que o mundo contemporâneo passa pela questão ambiental e do desenvolvimento sustentado. Nos últimos anos, o Brasil tem sido palco de uma discussão que é meio ambiente versus desenvolvimento e crescimento econômico. Penso que essa posição foi superada em 1992, mas na prática a postura do governo brasileiro continua retrógrada. Penso que o Brasil tem condições de definir e implementar estratégias de

sustentabilidade e nesse sentido ser um bom exemplo para o mundo.

O senhor é membro do Conselho Mundial para o Futuro (WFC), criado em Hamburgo no começo de maio passado. O que o WFC pode fazer pelo futuro do Planeta que não seja viável com a infinidade de entidades e organismos internacionais já existentes?

Eu acho que é importante termos a capacidade e o recurso de imaginação para repensarmos o mundo em que nós vivemos. Temos de ver como podemos integrar os vários temas importantes na agenda mundial. No caso do Brasil, eu falei pessoalmente para o presidente Lula que o tema pobreza e aquecimento global precisa ser melhor discutido. Você imagina o que poderia acontecer em termos de emissões de gases do efeito estufa, se os cerca de 50 milhões de pobres no Brasil fossem incorporados à sociedade de consumo, no sentido de que tenham um padrão mínimo de qualidade de vida com dignidade, sem se ter os devidos cuidados quanto ao aquecimento global. O aumento da renda poderia significar uma pressão a longo prazo insustentável sobre o meio ambiente. O mesmo vale para países como a Índia ou a China. Temos que ter instituições com capacidade de fazer a integração dos temas e apresentar propostas e projetos que possam ser replicados em outras partes do mundo. E o Conselho Mundial para o Futuro tem um perfil para isso. ■

ANZEIGE



Seit mehr als 10 Jahren sind wir der Spezialist für Reisen nach Brasilien und Südamerika. Wir bieten langjährige Erfahrung, kompetente Beratung und zuverlässigen Service. Linienflüge, Airpässe und Hotels zu Top Konditionen.

Best Brasilienreisen & Flüge

Am Forst Gonsenheim 33, 55122 Mainz, Tel. 06131/57 15 37

eMail: Best.Reisen@t-online.de Internet: www.bestbrasil.de